

“Governo apresenta plano de ajuste interno até o final do mês de março”

por Cláudia Safatle
de Brasília

O ‘chairman’ do Bank of Montreal, William D. Mulholland, esteve ontem com o ministro da Fazenda, Dillon Funaro, e, após o encontro, anunciou aos jornalistas que o governo brasileiro apresenta, até o final deste mês, um programa econômico para este ano — “um plano de ajuste interno”, como definiu o banqueiro canadense. Hoje o País deve US\$ 1,3 bilhão ao Bank of Montreal, que é o banco coordenador para assuntos da dívida externa junto aos demais bancos canadenses.

Mulholland veio ao Brasil especialmente para falar com o ministro da Fazenda e com o presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, com quem se encontra hoje para apresentar “um plano conceitual para conversão de dívidas em capital de risco”, como assinalou. Ele decidiu vir a Brasília imediatamente após o anúncio, pelo governo brasileiro, da suspensão dos pagamentos de juros das dívidas de médio e longo prazo para os bancos privados credores do País. Sobre a moratória, ele comentou: “Gostaria mais que não houvesse ocorrido”.

Numa atitude rara no meio dos banqueiros internacionais que vêm a Brasília falar com autoridades do governo, Mulholland convocou uma entrevista coletiva para depois da audiência com o ministro da Fazenda e afirmou aos jornalistas que “todo programa de saneamento e de ajustes se justifica na medida em que traz o crescimento econômico como consequência” e acrescentou que na sua percepção o problema do serviço da dívida externa “é algo complementar ao crescimento econômico ordenado”. Disse que não detecta desacordos entre suas idéias e as do ministro Funaro e assinalou que “certas coisas têm de ser feitas, e não faltará ao governo o apoio da comunidade financeira internacional”.

Ele citou o final deste mês de março como o prazo para o governo anunciar as medidas de ajustes da economia interna e confir-

mou que o ministro Funaro visita o Canadá também no final deste mês. Em seguida, Funaro participa, no dia 8 de abril, da reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), quando terá oportunidade de conversar com os banqueiros internacionais.

A posição do “chairman” do Bank of Montreal é de “flexibilidade” quanto à ida do Brasil ao FMI como pressuposto de uma negociação externa. “Estou mais interessado num programa econômico eficaz”, observou, acrescentando que “o governo brasileiro e a comunidade financeira internacional devem trabalhar juntos, com medidas coordenadas, para inverter esse ciclo (de instabilidade econômica) e voltar a condições mais estáveis”. Ele defende que a dívida externa brasileira hoje existente deve ser estabilizada, que os bancos devem prorrogar os prazos de vencimento e que diferentes modalidades de financiamento devem ser “promovidas e encorajadas”.

Dentre elas, o banqueiro canadense insistiu na necessidade de recuperação dos investimentos estrangeiros que, desde 1985, começaram a sair do País. Ele tem um plano de conversão da dívida em investimentos diretos. “É uma proposta conceitual que nós apresentamos ao ministro e que vamos apresentar hoje ao presidente do Banco Central”, disse ele, sem fornecer maiores detalhes, justificando que seria indelicado para com Gros antecipar sua conversa de hoje. Mas deixou evidente que “um plano econômico de ajuste interno certamente ajudaria de o País a recuperar investimentos estrangeiros”.

Ele acredita que é muito importante o governo brasileiro encorajar os investimentos diretos do capital estrangeiro no País e controlar a taxa de inflação, para não provocar “instabilidade social”. Falou que concorda com a necessidade do País ter um crescimento econômico “ordenado” e sublinhou a necessidade do presidente Sarney ter apoio não só interna, mas também externamente.